

## BRACARA AUGUSTA: RITUAIS E ESPAÇOS FUNERÁRIOS.

### BRACARA AUGUSTA: RITUALS AND FUNERARY.

Cristina Vilas Boas BRAGA  
Lab2PT, FCT, Univ. do Minho  
cristina\_arqueo@hotmail.com

Manuela MARTINS<sup>1</sup>  
Lab2PT Univ. do Minho  
mmmartins@uaum.uminho.pt

#### RESUMO

Nos últimos anos temos vindo a realizar trabalhos de investigação em torno das necrópoles romanas, espaços sagrados que se desenvolveram em torno da periferia da cidade de Bracara Augusta, que registam uma ampla cronologia de utilização, entre a transição da Era e a Antiguidade Tardia.

Com este artigo pretendemos dar a conhecer as particularidades dos contextos sepulcrais romanos reconhecidos até ao momento nas escavações realizadas em Braga - Portugal, evidências essas, recuperadas a partir da análise das sepulturas, dos monumentos funerários, bem como do espólio votivo associado aos distintos rituais funerários que se sucedem entre finais do século I a.C. e o século VII. Pretendemos ainda abordar as alterações ocorridas na topografia funerária ao longo dos períodos cronológicos mencionados.

#### ABSTRACT

With this article we intend to present the particularities of sepulchral Roman contexts known so far in the excavations carried out in Braga - Portugal, evidence recovered from the analysis of the graves, funerary monuments and the grave goods associated with different funeral rites that follow from the late first century BC and the seventh century. We intend to address the changes in funeral topography over the chronological periods mentioned.

**Palavras Chave:** Necrópole; ritos funerários; Alto Império; Antiguidade Tardia.  
**Keywords:** Necropolis; funerary rituals; High Empire; Late Antiquity.

### 1.- INTRODUÇÃO.

Este artigo visa sintetizar os resultados dos estudos das necrópoles romanas de *Bracara Augusta* entre o século I a.C. e a Antiguidade Tardia que foram realizados até ao momento.

Os espaços de enterramento estudados localizam-se todos na periferia urbana da cidade, como aliás, é regra para todas as necrópoles antigas. Para a cidade de Braga são conhecidos quatro grandes núcleos de necrópole que, pela sua localização, se associariam à passagem, não só das vias principais, mas também dos eixos viários de importância secundária: necrópole de Maximinos (Via XX e XVI), necrópole da Rodovia (Via Braga-Mérida), núcleos do Campo da Vinha (Via XIX/XVIII?) e a necrópole da Via XVII, onde se insere a área escavada do antigo Quarteirão dos Correios em Braga (CTT) e o núcleo da Cangosta da Palha (CP) (Martins, et al., 2009; Martins, et al., 1989/90).

A identificação destes espaços sepulcrais decorreu da expansão urbana da atual cidade de Braga, onde a partir dos anos 40/50, se inicia um movimento de alargamento do seu centro urbano,

construindo-se equipamentos imobiliários em áreas anteriormente vocacionadas para a actividade agrícola (Martins et al., 1989/90).

### 2.- NECRÓPOLES: DISTRIBUIÇÃO E TOPOGRAFIA FUNERÁRIA.

Por força da lei romana nenhuma sepultura poderia ser implementada no espaço reservado aos vivos, ou seja, a cidade. Na Lei das Doze Tábuas é claramente mencionado “Nenhuma inumação ou cremação pode ocorrer dentro da cidade (Tábua X, Lei 3), onde as questões sanitárias claramente se sobreponham aos motivos de ordem religiosa (Bodel, 2014: 177).

*Bracara Augusta*, cidade fundada entre 16-13 a.C., não era exceção a esta regra. As necrópoles dispunham-se em torno da urbe, de forma a que os mortos fossem sistematicamente lembrados por quem acedia à cidade, circulando pelas vias principais (Martins et al., 2012: 32).

Apesar de serem conhecidos os quatro núcleos de necrópoles mencionados, estas estão apenas re-

ferenciadas por escavações parciais, pelo que ainda não nos é possível conhecer a real extensão e globalidade dos espaços sepulcrais bracaraugustanos.

O núcleo funerário melhor conhecido e estudado integra-se na necrópole da Via XVII, que ligava *Bracara a Asturica*. Trata-se de uma necrópole identificada por achados epigráficos e sepulcrais, tendo sido objeto de escavações realizadas em 1987 e 2009, destinadas à minimização de impactes decorrentes da reabilitação urbana de Braga. A análise deste espaço funerário permitiu perceber distintas formas de organizar o espaço funerário romano e quais as dinâmicas ocorridas em cada período cronológico. São estes processos que de seguida passamos a expor.

#### • Distribuição das sepulturas.

O excelente estado de conservação da necrópole da Via XVII permitiu recuperar os vestígios da sua utilização interrompida ao longo de mais de seis séculos, mais concretamente, entre os finais do séc. I a.C. e o séc. VI/VII. Para cada período de uso foi possível distinguir as diferentes formas de intervir sobre o espaço funerário.

A avaliar pelos dados arqueológicos, o espaço de enterramento foi antecipadamente preparado para o efeito, com sucessivos cortes de blocos graníticos e terraplanagens numa tentativa de criar um espaço amplo. Estas acções denunciam, não só a necessidade de criação de um espaço de enterramento onde seria possível a visualização de toda a superfície de da necrópole, mas também a delimitação de uma área segura para o viajante e outros utilizadores deste espaço funerário, implementado a cerca de 60m da saída nascente da cidade romana.

Por outro lado, a via à qual está associado o espaço funerário em análise, parece ter sido determinante para a implementação da necrópole, uma vez que apenas se registou a existência de sepulturas nas bordaduras da via e nunca no alinhamento do eixo viário que se deverá ter estruturado ainda no último quartel do séc. I a.C. (Fontes, et al., 2010: 111).

As sepulturas mais antigas implementam-se junto à via, na pretensão de criar uma ligação com os viajantes que diariamente utilizavam os caminhos de acesso à cidade. Para as áreas mais afastadas do eixo viário eram relegadas as piras funerárias, pela necessidade de afastar eventuais fumos e cheiros.

À medida que caminhamos para os finais do séc. I e séc. II verificamos a mesma estratégia de ocupação, destacando-se agora o aparecimento dos primeiros monumentos funerários, como estelas, mausoléus e recintos funerários, símbolos do poder das famílias relevantes e elementos de apropriação social do espaço sepulcral.

Pela circunstância de não se ter verificado qualquer forma de sobreposição, corte ou saque entre sepulturas e monumentos, suspeitamos que pos-

sa ter ocorrido uma de duas situações: a existência de um grupo ou associação encarregue da organização do espaço funerário, onde existiria um responsável pela delimitação de lotes; a existência de qualquer forma de circunscrição e demarcação dos lotes de enterramento. Por outro lado, as sepulturas deveriam ser visíveis ainda em períodos bem posteriores à sua implantação, facto que nos remete, também, para a existência de elementos sinalizados das sepulturas que não se limitariam às estelas funerárias, mas sim a outros marcadores que, talvez devido à sua perecibilidade, não se conservaram.

No séc. III verifica-se um decréscimo no número de enterramentos, sendo de realçar a escassez de sepulturas implantadas na área escavada em 2009. Este facto pode associar-se à preferência por outros espaços livres, designadamente os localizados a cerca de 200m para nascente, na área que designamos por Cangosta da Palha, intervencionada em 1987.

As primeiras inumações detetadas nesta necrópole podem ser datadas do século IV. Este tipo de sepulturas, por mais simples e modestas que fossem, implicavam sempre a existência de uma área útil mais alargada, razão pela qual se terão procurado áreas sem constrangimentos construtivos. De facto, os indivíduos que recorriam a esta necrópole, teriam certamente conhecimento da existência do espaço funerário utilizado pelos seus antepassados, procurando talvez evitar destruições e possíveis interferências com os espaços funerários mais antigos, começando então a utilizar outros mais afastados da via, permitindo a criação de novas áreas de enterramento usadas até aos finais do séc. VI/ VII.

Apesar destas sepulturas de inumação surgirem em áreas mais periféricas em relação ao principal eixo viário, o acesso aos túmulos certamente que seria assegurado por meio de caminhos internos e de importância secundária, que até ao momento não conseguimos identificar.

#### • Topografia funerária.

Os dois espaços conhecidos da necrópole da Via XVII apresentam particularidades distintivas, não só ao nível das estratégias de organização como também ao nível das soluções topográficas. Simultaneamente, a cronologia de utilização dos dois espaços é também diferenciada, pois o núcleo do quarteirão dos antigos CTT apresenta uma ocupação mais antiga (séc. I a.C.) que o núcleo da Cangosta da Palha, onde as tumulações se iniciam no séc. IV.

No núcleo dos CTT não existem diferenças topográficas muito abruptas, durante o período alto-imperial, verificando-se que o terreno mantém uma regularidade assinalável entre o séc. I e o séc. II.

A concentração de sepulturas fez-se sempre em torno da via romana, com maior concentração de estruturas funerárias na plataforma a norte do eixo viário. Na nossa opinião, tal prende-se com dois

fatores. O primeiro relaciona-se com a preponderância altimétrica da plataforma norte em relação à plataforma sul ao longo das várias fases de utilização da necrópole, o que desde logo potenciava uma maior relevância e destaque visual às sepulturas aí implementadas. A outra razão surge como consequência da primeira, pois o desnível altimétrico entre as duas plataformas tornava a área sul num espaço propício ao escoamento das águas que corriam através das canalizações que passavam sob a Via XVII. Assim, a plataforma a sul da via seria um espaço periodicamente inundado e pouco atrativo para a colocação de sepulturas.

Dado que o traçado da via romana foi determinante para organização da necrópole, as sucessivas reparações dos pavimentos da mesma tiveram implicações na implantação das sepulturas e dos monumentos funerários.

No momento correspondente à transição da Era (Fase III), a via romana apresentava um declive bastante suave, registando-se uma variação altimétrica de 0,80m em 65m de extensão (entre 181m, a nascente e 180,20m, a poente), o que não nos parece estranho, uma vez que é a regularidade constitui uma característica das vias romanas.

Relativamente às sepulturas de cremação, constata-se a sua proximidade relativamente à via, tendo a mais distante sido detetada a 22m, na plataforma sul, a uma cota bastante baixa (178,33m), apresentando-se como exceção, uma vez que a cota média de todas outras sepulturas se encontra a 180,32m, estando na sua maioria concentradas no tabuleiro a norte da via.

A situação pouco se altera em meados do século I (Fase IV), quando se regista a construção de recintos funerários principalmente na metade nascente do quarteirão e na plataforma a sul da via, predominando os recintos funerários, com áreas úteis mais amplas que os mausoléus.

O período onde se regista o maior número de sepulturas corresponde aos meados do séc. I (Fase V), ocupando preferencialmente espaços situados na plataforma a sul da via, diminuindo as sepulturas identificadas no tabuleiro norte. Nesta fase verifica-se a manutenção da prática de sepultar nos espaços próximos da via, apesar de se iniciar a ocupação de áreas mais afastadas, registando-se sepulturas a cerca de 30m da via romana. Em termos altimétricos, não se verificam alterações topográficas assinaláveis pelo que se mantém a regularidade mencionada anteriormente.

Também a prática de construção de mausoléus e recintos funerários se mantem, destacando-se na paisagem funerária por ocuparem as parcelas de terreno mais próximas da Via XVII. Contudo, este processo de contínua monumentalização da necrópole passa a associar-se igualmente à prática da colocação de estelas funerária alinhadas com o eixo viário, servindo à dupla função de sinalizar o *locus religiosi* e relembrar o defunto (Braga, 2010: 99).

A situação inverte-se no séc. II, quando assinalamos uma diminuição no número de enterramentos. É neste momento que se constrói um novo mausoléu, implementado num lote existente entre os dois outros monumentos, tipologicamente semelhantes, mas edificados na fase anterior. Porém, a fachada deste novo monumento, encontra-se desalinhada em relação às construções precedentes em cerca de 2,30m, desvio esse que se encontra associada à alteração de traçado da via. Esta remodelação do eixo viário implicou ainda a desafetação dos mausoléus datados da 2ª metade do séc. I que foram arrasados à cota de 180,50m.

No extremo NE deste núcleo da necrópole, cerca de 84m a norte da via, foram identificados diversos espaços de cremação (*ustrina*), que poderão indicar a existência de caminhos internos secundários que não foram recuperados, mas que poderiam assegurar a ligação entre a Via XVII e a XVIII. Nesta extensão, apenas se verifica uma diferença de cota de 2,02m entre as estruturas funerárias mais afastadas e o nível de circulação viário, o que faz supor, mais uma vez, a boa amplitude visual de todo o espaço de necrópole (Braga, 2010: 100).

O séc. III (Fase VII) assinala o progressivo abandono deste núcleo de necrópole. Apenas destacamos a concentração de 12 *ustrinae* no extremo NE deste espaço, cuja ligeira variação altimétrica indicia a manutenção de um espaço aplanado.

A situação altera-se já no início do séc. IV (Fase VIII), período ao qual correspondem a primeiras inumações em caixa neste núcleo. Se as sepulturas mais antigas se localizam nos espaços imediatamente junto à via, para que os defuntos fossem recordados pelos vivos, as mais tardias ocuparam novos e diferenciados espaços, normalmente mais recuados e afastados do eixo viário.

No núcleo dos CTT, assinalam-se apenas quatro sepulturas, pelo que suspeitamos que este núcleo terá sido preterido em relação ao da Cangosta da Palha, onde não foram registadas sepulturas de cremação ou de cronologia anterior ao séc. III/IV.

Na área correspondente ao núcleo dos CTT, verifica-se que, em pleno século IV, as sepulturas de inumação, orientadas N/S e NE/SO, surgem em maior número na plataforma norte, dispondo-se as estruturas mais afastadas da via a cerca de 35m para norte, à cota de 182,30m, em torno de um recinto funerário.

A tendência de implementar as sepulturas nas áreas mais periféricas das necrópole representa uma principais características desta fase, circunstância que deverá estar relacionada com a construção de uma área artesanal, que funcionou entre os séc. IV/V, tendo sido erigida numa zona intermédia do tabuleiro sul. Os motivos para a instalação desta área artesanal devem estar relacionados com as ocupação de integridade do espaço urbano, que justificava o afastamento das atividade que lidavam com o fogo para os espaços extramuros. Por outro

lado, estes equipamentos beneficiavam com as facilidades decorrentes de uma proximidade com as principais vias de comunicação da cidade.

O ritual de inumação torna-se no ritual predominante nesta fase, existindo, contudo, vestígios de cremações, bem como de estruturas de incineração de apoio a esse ritual, as quais serão descritas mais adiante.

Entre os séculos V-VI (Fase X) constatamos a predominância da prática da inumação, relativamente à cremação, surgindo as sepulturas concentradas exclusivamente a norte da via, sendo orientadas NE/SO. Verificamos igualmente nesta fase uma subida de cota de uso da necrópole em cerca de 1m, perceptível entre as sepulturas mais periféricas e o eixo viário, numa distância de cerca 30m, mantendo-se, a regularidade assinalada na fase anterior.

As inumações melhor preservadas datam desta fase, razão pela qual foi possível identificar dois esqueletos, mau grado o seu mau estado de conservação que não permitiu o seu estudo.

No núcleo da Cangosta da Palha, foram individualizadas 43 sepulturas de inumação, datadas do séc. V-VII (Fase Xa). A organização interna neste período denuncia a adaptação do espaço funerário às condições topográficas, mantendo-se a tendência de afastamento das estruturas funerárias em relação à Via XVII.

As sepulturas foram identificadas numa extensão de cerca de 79m, numa área que certamente se localizaria a norte da Via XVII. Nesta extensão verifica-se a presença de duas parcelas de terreno, cada uma delas com cerca de 35m de comprimento, onde se regista uma variação altimétrica de cerca de 3m, permitindo supor que esta área deveria organizar-se em socalcos. Não conhecemos até à data quais as soluções que permitiriam o acesso às sepulturas.

Uma vez que a grande maioria das sepulturas não se encontra sobreposta presumimos que existiria um bom controlo e gestão dos espaços de necrópole, ainda que possam ter existido igualmente elementos sinalizadores das sepulturas.

Os dois núcleos perdem a sua funcionalidade após este período, tendo as áreas da necrópole sido paulatinamente transformado em espaços agrícolas, ainda que a via romana, com outras distintas características construtivas, se tenha mantido em funcionamento.

#### • Rituais funerários em *Bracara Augusta*.

Não se conhecem até ao momento quaisquer estruturas que iniciem a prática da inumação em *Bracara Augusta* durante o período alto-imperial. Pelo contrário, as estruturas funerárias reconhecidas encontram-se exclusivamente relacionadas com o ritual de cremação.

A prática da cremação torna-se dominante em Roma no séc. I a.C. e a mesma não seria estranha às

comunidades indígenas que habitavam a região de Braga no mesmo período, razão pela qual o ritual romano não deve ter causado estranheza (Figueiredo, 2001: 93; Hope, 2009: 81).

Na necrópole da Via XVII a sepultura mais antiga encontra-se datada do último decénio do séc. I a.C..

A partir das fontes literárias, é possível perceber que o processo ritual associado à cremação encontrava-se bem hierarquizado, embora seja amplamente aceite de que os relatos históricos descrevem práticas que estariam sobretudo associadas a famílias que teriam os meios económicos para custear o fausto descrito nos mesmos (Hope, 2009: 74).

Após a exposição do defunto em casa, durante um período que não é conhecido, o morto encabeçaria a procissão fúnebre que o acompanhava até à necrópole, onde o corpo deveria ser cremado e posteriormente enterrado. Quais as palavras proferidas, quais as escolhas tomadas pela família, quem participava nas procissões, são pormenores que talvez nunca possamos vir a conhecer. Porém, é a partir das evidências materiais, como o espólio e as próprias estruturas que é possível reconstituir alguns dos gestos associados aos rituais funerários.

Os dados disponíveis até ao momento permitem-nos considerar que o ritual de incineração perde a sua predominância a partir do séc. III, com o aparecimento das primeiras sepulturas de inumação. Todavia, a prática da cremação não é completamente abandonada, pois foram individualizadas sepulturas de cremação datadas dos séculos IV e VI (Braga, 2010: 46).

Sobre o ritual de inumação e os procedimentos funerários a si adstritos, pouco sabemos. Não é igualmente possível saber quais as sepulturas de matriz cristã ou pagã presentes na necrópole da Via XVII, apesar de constatarmos a existência, num mesmo período cronológico, de sepulturas com orientações distintas. A dificuldade mantem-se mesmo em relação às tipologias das sepulturas que se encontram implementadas em áreas de necrópole de tradição romana, que não exibem variações construtivas significativas que permitam a associação à crença religiosa.

Ainda assim, é possível diferenciar distintas formas de ocupar e construir a paisagem funerária em época baixo imperial e tardo antiga.

### 3.- SEPULTURAS DE INCINERAÇÃO.

O excelente estado de conservação das sepulturas associadas ao ritual de cremação, permitiu a elaboração de uma tipologia de sepulturas onde se incluem sete categorias de estruturas funerárias.

O tipo 1, onde se integram três subtipos, inclui todas as sepulturas sem urna, onde apenas se reconheceu o enchimento composto por carvões, cinzas

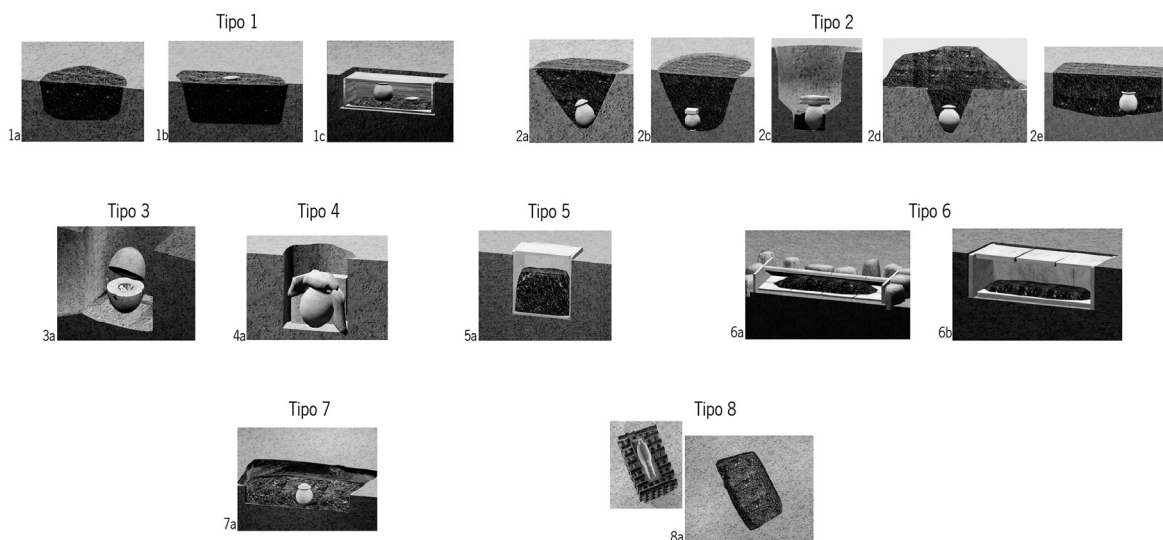


Fig.: 1. Tipologia de sepulturas de incineração.

e ossos cremados, admitindo-se a deposição de espólio funerário. Destacamos o tipo 1C (Fig.: 1), representado por um enterramento em cova no qual se reconheceram vestígios de uma caixa em madeira com 0,80x0,30m, que albergava no interior um conjunto de espólio funerário composto por uma lucerna Loeschke 1A de produção itálica (Augusto-Tibério), um potinho cerâmico e três amuletos em faiança egípcia, dispostos sobre o enchimento resultante do processo de cremação (Braga, 2010: 54; Martins et al., 2009: 176; Morais et al., 2013: 316).

No tipo 2 agregamos todas as sepulturas em cova simples, (entre os 0,20 e os 0,80m), com secções em U, V ou retangulares, onde a urna foi selada pelo enchimento de cinzas e carvões resultantes da cremação. Nos cinco subtipos identificados foi individualizado espólio funerário, constituído por lucernas e unguentários (Braga, 2010: 55).

O tipo 3 está representado por uma única estrutura, que apesar de invulgar no mundo romano, recolhe paralelos em sepulturas encontradas na cidade de Uxama (Fig.: 1). Trata-se de uma sepultura onde a urna granítica com 0,64m de altura, selada por quatro grampos em ferro, foi depositada numa cova profunda (1,06m). No seu interior encontravam-se vestígios osteológicos, um unguentário de vidro em forma de gota e uma moeda, cunhada entre o ano 5/3 a.C. em *Celsa Sulpicia* (Braga, 2010: 87; Martins, et al., 2009: 43; Morais, et al., 2013: 318-320).

No quarto tipo integram-se as sepulturas de cova simples, onde em torno da urna se colocou uma estrutura pouco estruturada (Fig.: 1), composta por lascas graníticas, que parecem concretizar um tipo de solução construtiva semelhante a uma estrutura “tipo cista” (Braga, 2010: 56).

Ao tipo 5 associa-se uma caixa com paredes e lastro em tijolo, onde o enchimento resultante da

cremação do indivíduo se encontrava misturado com espólio votivo. Já o tipo 6 integra as sepulturas de planta rectangular, construídas com recurso a material laterício, com comprimentos que variam entre os 2,40m e 1,56m. Ao nível das coberturas reconheceram-se duas distintas soluções: telhado de duas águas e tijolos dispostos na horizontal (Braga, 2009: 56).

No tipo 7, integramos todas as estruturas classificadas como *busti* (Fig.: 1). Trata-se de locais que assumem uma dupla função, correspondendo, simultaneamente, ao espaço onde terá ocorrido a cremação do defunto e ao local de enterramento, solução que recolhe paralelos em contextos funerários de Lyon (Braga, 2010: 56-57).

No último tipo, integramos os *ustrinae* (Fig.: 1). Correspondem aos locais onde foram erguidas as piras funerárias ou *rogii*, para se proceder à cremação dos defuntos. Assumem distintas secções e planimetrias e são facilmente identificadas pela película avermelhada que se forma nos rebordos das valas (Braga, 2010: 58).

#### • Outras estruturas.

Em clara associação com o ritual de cremação surgem no contexto arqueológico outro tipo de estruturas claramente associadas com o mundo funerário romano. Entre elas cabe referir algumas estelas funerárias amortizadas em enchimentos de preparação da Via XVII, tendo outras sido encontradas *in situ*, colocadas de frente para a via, funcionando, ora como marcos indicadores do início do espaço funerário, ora como forma de perpetuar a memória dos defuntos, ou ainda como elementos de monumentalização do espaço funerário. Apenas destacamos a estela EE1 (Fig.: 2), que denuncia a relação de parentesco entre quatro indivíduos de origem indígena ligados por laços familiares, a avaliar

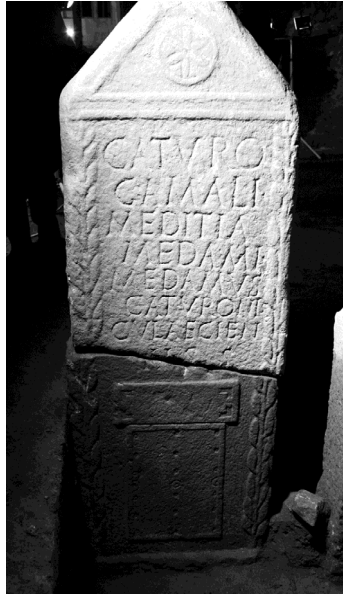


Fig.: 2. Estela funerária encontrada *in situ* (©UAUM).

pelo texto gravado no seu campo epigráfico, onde se lê: CATVRO/ CAMALI/ MEDITIA/ MEDAMI/ MEDAMVS/ CATVRONIS/ CVLAECIEN(sis)/ H(ic).S(iti).S(unt) (Braga, 2010: 50).

Relativamente aos mausoléus foram detetados neste setor da necrópole três estruturas, alinhadas ao longo da parte norte da via. Pelo facto de os mausoléus terem sido arrasados ainda em época romana, a fim de permitir a deslocação da via para norte, não possuímos quaisquer evidências relacionadas com as soluções arquitetónicas para as suas coberturas (Braga, 2010: 65).

Foram também reconhecidos recintos funerários, edificados entre o século I e século VI, mas que em termos construtivos revelam grande homogeneidade, exibindo aparelhos pouco cuidados, recorrendo a blocos de granito grosseiramente afeixoados. Dado o mau estado de conservação das estruturas não foi possível detetar quaisquer locais de acesso aos interiores dos recintos (Braga, 2010: 66).

Os trabalhos arqueológicos permitiram ainda reconhecer uma complexa construção, de planta trapezoidal, com 14m de extensão por 8,5m de largura máxima, que apresenta no seu interior um total de 12 recetáculos retangulares, revestidos com *opus signinum*, com larguras que variam entre os 0,90m e 1m, comprimentos entre 2m/2,10m e alturas conservadas entre os 0,40m e os 0,70m (Fig.: 3). Até ao momento, não foi possível precisar a funcionalidade do edifício. No entanto, admitimos o seu carácter funerário, não sendo de excluir que o espaço tivesse igualmente servido para funções rituais ou votivas num momento correspondente ao alvorecer da organização da cidade romana de Braga (Braga, 2010: 67-68).

#### 4.- ESTRUTURAS ASSOCIADAS À INUMAÇÃO.

As sepulturas associadas ao ritual de inumação datam de um período balizado entre os séculos IV e VI. Pela análise dos enchimentos e estruturas, todas as sepulturas identificadas correspondem a inumações individuais, pelo que não foram detetadas inumações coletivas.

No tipo 1 integramos as sepulturas mais simples (Fig.: 4), representadas por covas abertas no solo, sem qualquer tipo de revestimento, sendo o defunto colocado diretamente sobre o fundo da vala (Braga, 2010: 59).

Ao tipo 2 correspondem as estruturas implantadas em cova simples, de planta e seção retangular, com 2x0,60m, sem qualquer tipo de revestimento nas paredes ou no fundo (Fig.: 4). A cobertura era constituída por quatro tégulas, dispostas na horizontal, com as extremidades sobrepostas, assentando num leito composto por pedras de pequena dimensão (Braga, 2010: 60).

O tipo 3 integra uma das formas de sepulturas mais recorrentes em várias necrópoles romanas, com ocupação tardia, com telhado de duas águas, datadas entre os séculos IV e VI. Apresentam, todavia, algumas variantes (Bejarano Osorio, 1996: 346; Hope, 2009; Martins et al, 1989/90: 144; Toynbee, 1971). O tipo 3a, é representado pelas se-

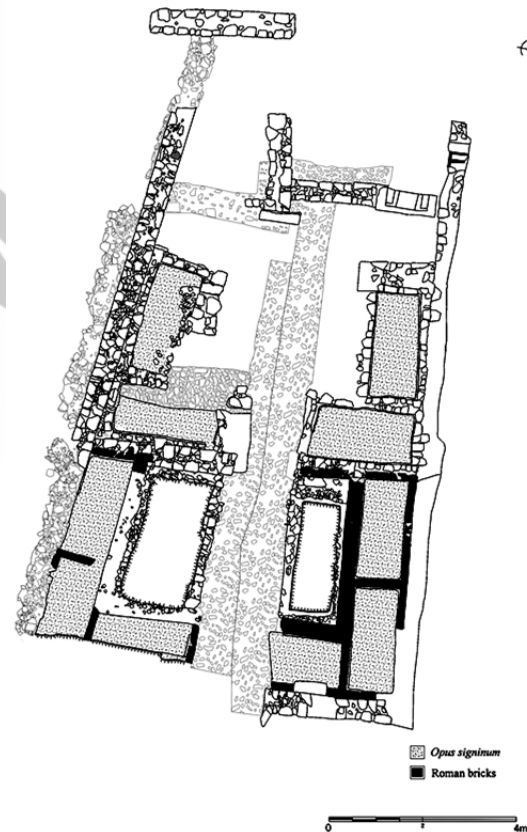


Fig.: 3. Planta do recinto funerário de planta trapezoidal (©UAUM).

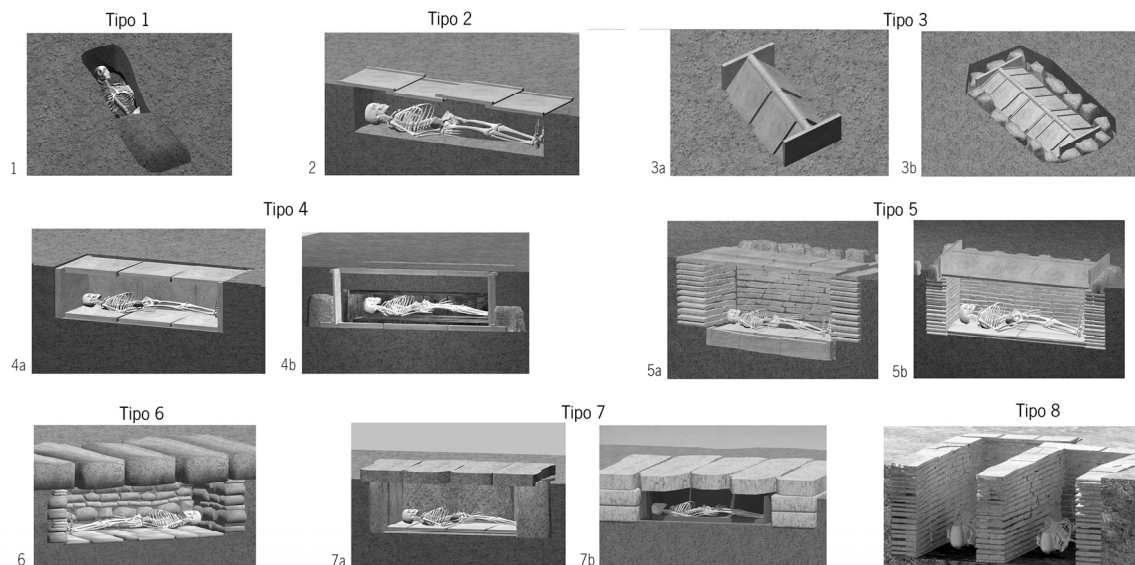


Fig.: 4. Tipologia de sepulturas de inumação de *Bracara Augusta*.

pulturas de inumação com cobertura em duas águas, constituídas por um leito composto por tijolos ou tégulas invertidas (Fig.: 4). Os exemplares detetados conservam dimensões variáveis, entre os 0,90m e os 1,25m de comprimento e os 0,24m e os 0,34m de altura, adaptando-se a estrutura das sepulturas à estatura dos defuntos. Estas encontravam-se implantadas em valas pouco profundas, pelo que a sepultura estaria ligeiramente rebaixada em relação ao nível de circulação da necrópole (Braga, 2010: 60).

O tipo 3b, corresponde a uma sepultura de duas águas implantada numa fossa, onde o topo da cobertura se encontra à mesma cota do nível de circulação, permitindo a ocultação total da sepultura (Fig.: 4). Na mesma estrutura foi identificado um tosco alinhamento de pedras de média e grande dimensão, dispostas em torno das tégulas que compunham as paredes, o qual terá funcionado como perímetro de contenção da cobertura (Braga, 2010: 61).

No tipo 4 foram assinaladas duas variantes. As sepulturas do tipo 4a correspondem a estruturas em caixa, com tégulas invertidas na base da estrutura, de secção rectangular, com uma largura média de cerca de 0,70m (Fig.: 4). Trata-se de um tipo de sepultura comum noutras necrópoles peninsulares, existindo exemplares análogos em Córdoba, datados entre os séculos III e VI (Vaquerizo Gil, 2002: 157-165).

Já o tipo 4b (Fig.: 4), integra uma sepultura com base forrada com seis tijolos, com 0,40x0,40x0,04m, estando o espaço destinado ao enterramento delimitado por tégulas dispostas na vertical. No interior da caixa foram identificados os vestígios de um caixão de madeira, com as dimensões aproxi-

madas de 1,10m de comprimento por 0,30m de altura (Braga, 2010: 61-62).

O tipo 5a, está associado a uma estrutura funerária que apresenta algum investimento do ponto de vista construtivo (Fig.: 4). A sepultura corresponde a uma caixa, implantada numa cova simples, de secção rectangular, construída com recurso a tijolos tipo *lydion* (0,31x0,43x0,04m) utilizado para a edificação das paredes. Tem cerca de 0,90m de altura, por 2m de comprimento. O fundo era forrado com duas fiadas de tijolos (0,43x0,31x0,04m) dispostos na horizontal, sem qualquer tipo de argamassa, assentes numa outra linha de tijolos que se apoiavam no saibro. A cobertura era formada por uma sucessão de tijolos do tipo *bipedales* (0,60x0,60x0,06m), dispostos na horizontal arquitetando um sistema que designamos de “falsa cúpula” (Braga, 2010: 62).

O tipo 5b, encontra-se associado a uma sepultura em caixa (2,08x1x0,64m), de secção rectangular (Fig.: 4). Apresenta as paredes construídas com tijolos tipo *lydion*, assentes em lajes graníticas, cujos interstícios se encontravam selados por *opus signinum*. A cobertura não se conservou, mas a recuperação de elementos laterícios, como tégulas e de imbrices decorados, sugere a existência de uma cobertura com sistema de fecho em duas águas. Foi ainda individualizado um alinhamento, algo tosco, formado por blocos graníticos que cumpria a dupla função de contrapeso da cobertura e de elemento sinalizador da estrutura funerária (Braga, 2010: 62).

O tipo 6a está representado por uma caixa cujas paredes eram formadas por blocos graníticos, pouco afeiçoados, alternados com fiadas de tijolos notoriamente reaproveitados, dispostos na horizontal. As paredes não assentavam no leito que era

composto por tijolos (Fig.: 4). A cobertura, seria formada por um conjunto de monólitos de pedra (Braga, 2010: 63).

Ao tipo 7a associam-se todas as estruturas com paredes compostas por pedras graníticas de grande dimensão, com leito formado por tijoleiras de forma retangular ou trapezoidal (Fig.: 4). Pela inexistência de ferragens, o defunto terá sido colocado sobre o leito. Já a estrutura classificada como 7b, apresenta as paredes construídas com recurso a blocos graníticos bem esquadrados, dispostos em fiadas horizontais (Fig.: 4). As juntas dos blocos graníticos que serviram de cobertura, encontravam-se seladas por um revestimento em *opus signinum*. No interior do túmulo foi detectado um caixão de chumbo, cujas características ainda não conhecemos pois o mesmo ainda não foi escavado. A totalidade da estrutura encontra-se implantada numa cova simples e algo profunda, embora, completamente encoberta por um enchimento composto por cascalho e material de construção que contribuiu para a sua total ocultação e consequente integridade (Braga, 2010: 63-64).

O tipo 8 inclui uma única sepultura, datada entre os séculos IV-VI. Trata-se de uma sepultura de inumação de câmara dupla horizontal, definida por dois espaços de enterramento divididos por um murete composto por elementos laterícios. A avaliar pelo único elemento recuperado, a parede seria composta por tijolos de tipo *lydion* agregados por uma argamassa amarelada. A caixa relativa à INU042 (CP), apresenta um vão interior com 1,88x0,78m, tendo o seu enchimento interior fornecido vestígios das ferragens de um caixão (Martins et al., 1989/90: 145). No substrato rochoso foram também detetadas pequenas fossas, localizadas junto aos quatro vértices da caixa, que parecem configurar o local de encaixe dos apoios do contentor funerário. A parede norte, bastante mal conservada, teria cerca de 2,32m de comprimento e era formada por tijolos *longum semi-pedales*. A sepultura anexa, INU054 (CP), apresentava um vão interior de 1,86x0,66m. A sul estava limitada por uma parede em tijolo que não se conservou e a nascente era ainda visível a existência de um murete com 0,68m de altura composto por *lateres* reaproveitados. A cobertura de ambas as sepulturas, seria formada por monólitos graníticos com 0,92x0,34x0,12m, recuperados no enchimento do saque.

## 5.- MOBILIÁRIO FUNERÁRIO.

No que concerne ao mobiliário votivo, os conjuntos apresentam distintas características, intimamente relacionadas com as crenças funerárias vigentes entre o Alto Império e Antiguidade Tardia.

A particularidade mais visível está relacionada com o número de peças que são inseridas no contexto funerário. Durante o período júlio-claudiano e

antonino cada objeto inserido na sepultura era visto como símbolo de vida que acompanharia o morto. Nesses contextos não é estranha a recuperação de lucernas, malgas, pratos, copos e unguentários de vidro ou de cerâmica (Braga, 2010: 88, Hope, 2001: 1).

A análise do mobiliário funerário permitiu não só a datação das sepulturas, como também uma aproximação às práticas funerárias, sendo de destacar duas características particulares relacionadas com as crenças no mundo da morte entre a comunidade bracaraugustana. Uma delas relaciona-se a existência de um orifício presente ao nível das paredes e das bases/fundos das urnas (Fig.: 5a). Da observação feita, é possível atestar que algumas das aberturas foram executadas de forma pouco cuidada, tendo provocado o estalamento das urnas.

Nas necrópoles estudadas até ao momento em *Bracara Augusta*, estas perfurações surgem maioritariamente em urnas datadas dos finais da 2ª metade do séc. I, tornando-se rara no séc. II.

Esta prática parece ser demonstrativa de uma acção de forte simbolismo, onde a perfuração, marca definitivamente a separação entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Estas aberturas parecem assinalar o fim do ciclo útil das peças, uma vez que o objeto danificado passa a pertencer definitivamente ao um mundo subterrâneo, por contraposição à integridade das peças utilizadas pelos vivos (Blaizot, 2009: 169; Braga, 2010: 86).

É possível encontrar alguns paralelos com esta prática funerária em contextos funerários do Império ocidental, como na Gália (Lyon) ou na *Brittania* (South Shields<sup>2</sup>) (Blaizot, et al., 2007: 317).

Esta prática é coetânea de uma outra, caracterizada pela mutilação ou quebra de uma ou mais partes dos objetos votivos (Fig.: 5b), mais generalizada em termos cronológicos, uma vez que se identificou a presença de material partido em sepulturas datadas dos finais do século I a.C.

A datação, a tipologia das sepulturas e a antropomíia exibida em várias estelas funerárias parecem apontar para que os procedimentos rituais referidos se associem indivíduos de origem indígena que, apesar de enterrarem os seus mortos segundo os padrões rituais romanos se vinculavam com os seus antepassados pela realização de práticas rituais específicas. Não excluimos a hipótese de tais práticas poderem associar-se a atos libatórios nos momentos de comemoração da memória dos defuntos, ou com possíveis crenças de libertação do espírito do morto finda a cerimónia fúnebre.

À medida que avançamos para o Baixo Império e tardo antiguidade regista-se a rarefação e mesmo desaparecimento dos conjuntos de material votivo associados ao ritual de inumação, situação igualmente recorrente noutras necrópoles peninsulares (Sánchez Ramos, 2005: 173; Cunha, 2008: 79). Neste contexto de escassez de espólio, destacam-se as peças recuperadas no interior da INU014



(CTT). Na extremidade norte desta caixa em tijolo foram recolhidas diversas peças cerâmicas, designadamente, seis potes em cerâmica comum grosseira de grandes e pequenas dimensões, com perfil em S, quatro copos em cerâmica comum fina e quatro lucernas inteiras de produção local de canal aberto atípico, datadas entre os finais do século III e os inícios do século IV.

No núcleo da Cangosta da Palha foram recuperados múltiplos vestígios de ferragens encontradas no interior das sepulturas que se associam aos caixões de madeira. Do mesmo período seria o caixão de chumbo, detetado numa sepultura escavada no núcleo dos CTT, datado do séc. VI (?), cujos atributos estilísticos apenas se conhecerão após a escavação integral da sepultura (Braga, 2010: 92, Martins, et al., 2009: 125).

## 6.- CONCLUSÕES.

Este trabalho constitui um contributo para o estudo das práticas funerárias ocorridas durante o Alto Império e a Antiguidade Tardia na cidade de Braga. No entanto, será ainda necessário analisar os

acervos da informação de campo relativos às escavações arqueológicas realizadas noutros sectores da cidade de Braga para que possamos obter elementos comparativos entre os distintos espaços funerários. Por outro lado, importa aprofundar a análise dos conjuntos de espólio funerário de forma a tentar perceber se estamos perante gestos funerários associados a grupos sociais específicos e qual a sua cronologia. É ainda fundamental analisar os conjuntos votivos de forma a reconhecer a repetição dos gestos funerários já identificados, averiguar se tal se trata de uma situação recorrente ou se é algo circunscrito e limitado a uma necrópole específica.

Porém, mediante os dados disponíveis até ao momento é possível desde já avançar que o século VII marca uma viragem relativa aos hábitos funerários vigentes, com a criação de novas áreas de enterramento e com o início da tumulação *ad sanctos*, que se estrutura agora junto às basílicas paleocristãs que vão surgem em áreas mais afastadas da cidade e que moldam e estruturam a periferia rural de Braga. As antigas necrópoles são abandonadas, transformando-se paulatinamente em áreas agrícolas junto às portas da cidade, situação que contribuiu para a sua preservação.

## 7.- BIBLIOGRAFIA.

- BEJARANO OSORIO, A.  
1996 Tipología de las sepulturas en las necrópolis tardo-romanas cristianas de Mérida: evolución de los espacios funerários. *Mérida Excavaciones Arqueológicas*, pp.: 341-357. Consorcio Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida, Mérida.
- BLAIZOT, F.  
2009 Rites et pratiques funéraires à Lugdunum du Ier au Ive. *Rites funéraires à Lugdunum*, Chapitre 6, pp.: 155-192. Éditions Erance, Paris.
- BLAIZOT, F., BEL, V., BONNET, C., DEBERGE, Y., WITTMANN, A., BARBERAN, S., TRANOY, L.  
2007 Inhumation and cremation in Roman Gaul: continuity or discontinuity of the burial practices. In A. Faber, P. Fasold, M. Struck & M. Witteyer (Dir.): *Körpergräber des 1.-3. Jahrhunderts in der Römischen Welt (Frankfurt am Main, 2004), Schriften des Archäologischen Museums Frankfurt*, 21, pp.: 305-321. Frankfurt.
- BODEL, J.  
2014 The life and death of ancient Roman cemeteries: Living with the dead in imperial Rome. *Reconstruction and the Historic City: Rome and Abroad - an interdisciplinary approach*, 6, pp.: 177-195. Beiträge zur Wirtschaftsgeographie. München.
- BRAGA, C.  
2010 **Rituais funerários em Bracara Augusta: o novo núcleo de necrópole da Via XVII**. Tese de mestrado (policopiada), Instituto de Ciências Sociais, Univ. do Minho, Braga. 333 pp.  
<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13913>>
- CUNHA, M.  
2008 As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz)-Do Mundo Romano à Antiguidade Tardia. *O Arqueólogo Português*, Suplemento 4, pp.: 9-246. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- FONTES, L., MARTINS, M., JOSÉ SENDAS, J., CATALÃO, S.  
2010 Salvamento de Bracara Augusta. Ampliação do Túnel da Avenida da Liberdade (BRA 08-09 TAVL). Relatório Final. **Trabalhos Arqueológicos da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho - TUAUM**, 7, pp.: 5-1177. Braga.
- FIGUEIREDO, A.  
2001 Death in Roman Iberia: acculturation, resistance and the diversity of beliefs and practices. *Era Arqueologia*, 3, pp.: 90-107. Lisboa.
- HOPE, V.  
2009 **Roman Death**. Continuum, Great Britain, 239 pp.
- MARTINS, M., DELGADO, M.  
1989/90 As necrópoles de Bracara Augusta A-Dados arqueológicos. *Cadernos de Arqueologia*, 6/7, pp.: 41-186. Braga.
- MARTINS, M., FONTES, L., BRAGA, C., BRAGA, J., MAGALHÃES, F., SENDAS, J.  
2009 Relatório final dos trabalhos arqueológicos realizados no Quarteirão dos CTT-Avenida da Liberdade. **Trabalhos Arqueológicos da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho- TUAUM**, 1, pp.: 6-227. Braga.
- MARTINS, M., RIBEIRO, J., MAGALHÃES, F., BRAGA, C.  
2012 Urbanismo e Arquitetura de *Bracara Augusta*. Sociedade, economia e lazer. **Evolução da Paisagem urbana: sociedade e economia**, pp.: 29-67, CITCEM, Braga.
- MORAIS, R., FERNANDÉZ FERNANDÉZ, A., BRAGA, C.  
2013 Contextos cerâmicos de la transición de Era y de la primera mitad del s. I provenientes de la necrópolis de la Vía XVII de Bracara Augusta (Braga, Portugal), *Actas del Congreso Internacional de la SFECAG*, pp.: 313-326. Société Française pour l'Etude de la Céramique en Gaule, Amiens-Somme.
- SÁNCHEZ RAMOS, I.  
2005 Las necrópolis de *Corduba* durante la Antigüedad Tardia. *AnMurcia*, 21, pp.: 165-177. Murcia

TOYNBEE, M.C.  
1971 **Death and Burial in the Roman World.** The  
John's Hopkins University Press, London. 336p.  
VAQUERIZO GIL, D.  
2002 Espacios y usos funerarios en *Corduba*. **Actas del**

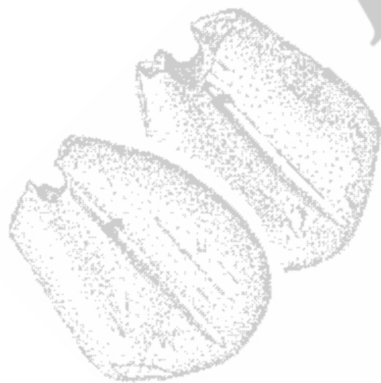
**Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano, II**, pp.:141-200.  
Seminário de Arqueologia da Univ. de Córdoba.  
Córdoba.

#### 8.- NOTAS.

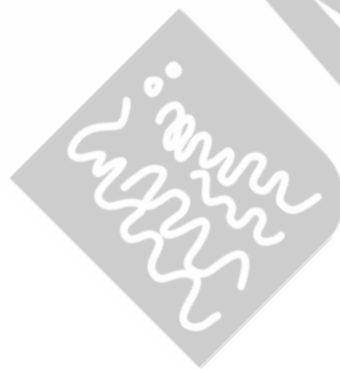
1. IR Projeto PTDC/HIS-ARQ/121136/2010.
2. Informação disponível através do seguinte link:

<http://www.twmuseums.org.uk/archaeology/ceramic%20database/discussion.html>

Recibido: 05/06/2015  
Aceptado: 01/07/2015



**Férvédes**  
Revista de Investigación



**M U P A V**

Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Vilalba